

POSITIVISMO: SUA INSUSTENTABILIDADE FILOSÓFICA E MATERIAL

Data de submissão: 21/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Lucas de Oliveira Lima Barbosa

Graduando em Direito da Unigran Capital

João Carlos Oliveira

Orientador. Professor da Unigran Capital

Artigo Científico apresentado à Unigran Capital como parte das exigências para Conclusão do curso de Bacharelado em Direito. 2024.

RESUMO: Este artigo trata das questões do positivismo, desde sua origem conturbada no período da revolução francesa, a forma de que nasceu e até a sua aplicação no Estado Brasileiro onde evidenciamos que problemas atuais que parecem novos, porém tão antigos quanto o próprio sistema que o rege, abordando dos confins da alma humana utilizando-se do meio do método aristotélico de pesquisa, tipifica-se do sistema discorrendo sobre suas inconsistências, falhas em sua própria essência, tomando como base a atuação de grandes personalidades históricas da história humana incluindo impérios e períodos históricos, analisando a razão dos estados que o adotam viverem em constante crise, com intercorrentes

revoluções, problemas da sociedade e até mesmo a sua destruição visando entender tais falhas podemos chegar a conclusões que já foram resolvidas porém continuam atuais, a corruptibilidade da alma humana discorrida por Platão na república continua atual, aos sentimentos da alma humana frente a tais adversidades de modo que é possível concluir uma corrosão interna, isso é, de dentro para fora, que faça com que a sociedade por si só defina, com o objeto de se ao ponto de ser tão enfraquecida que perde sua identidade enquanto povo.

PALAVRAS-CHAVE: Positivismo, insustentabilidade, material

ABSTRACT: This article deals with the issues of positivism, from its troubled origins in the period of the French revolution, the form in which it was born and until its application in the Brazilian State, where we highlight current problems that seem new, but as old as the system that governs it. , approaching the confines of the human soul using the Aristotelian method of research, typifies the system by discussing its inconsistencies, flaws in its own essence, taking as a basis the actions of great historical personalities in human history, including empires and periods historical, analyzing the reason why

the states that adopt it live in constant crisis, with intercurrent revolutions, problems of society and even its destruction, aiming to understand such failures, we can reach conclusions that have already been resolved but remain current, the corruptibility of the human soul discussed by Plato in the republic remains current, to the feelings of the human soul in the face of such adversities so that it is possible to conclude an internal corrosion, that is, from the inside out, that causes society itself to wither away, with the aim of becoming to the point of being so weakened that it loses its identity as a people.

KEYWORDS: Positivism, unsustainability, material.

1 | INTRODUÇÃO

O positivismo, uma corrente filosófica que se entrelaça com os fundamentos do Brasil, é o foco deste estudo. A constituição e a autodeterminação do país são reflexos dos princípios positivistas, mas será que essa base é tão sólida quanto parece? Este trabalho propõe uma análise crítica do período histórico do positivismo, questionando sua viabilidade filosófica e prática e sugerindo que tal sistema pode estar intrinsecamente inclinado ao erro.

A pesquisa abrange sociedades onde o direito positivo foi a pedra angular e busca elucidar as razões de seu fracasso enquanto Estados. As tendências filosóficas antinaturais do positivismo, que sufocam a individualidade humana e podem levar à ruína de um povo, são examinadas com o intuito de identificar as origens dos erros e propor formas de combatê-los.

O estudo avança hipóteses sobre como enfrentar as influências externas, muitas vezes manipuladoras, que tentam sabotar a alma humana. Propõe-se que existem métodos para superar este sistema antinatural que visa reprimir a individualidade humana.

O objetivo geral é demonstrar como se pode combater tais influências externas, enquanto os objetivos específicos incluem a análise de impérios e personalidades históricas, utilizando o método aristotélico científico para fundamentar as conclusões com base na lógica, na razão e na concepção da alma humana discutida por Platão.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de compreender e resolver problemas que, embora pareçam modernos, são tão antigos quanto os sistemas que os regem. A relevância se estende ao oferecer soluções para questões que afetam o cerne da sociedade.

A metodologia empregada neste estudo é a análise de impérios e figuras históricas em diversos períodos, comparando-os e aplicando o método aristotélico científico, a maiêutica e o racionalismo ontológico substancial.

Concluiu-se existem possibilidades de que os grandes problemas das sociedades não residem no coletivo, mas no interno de cada ser humano. Quando esses problemas internos são externalizados, eles podem causar ondas de bem ou de mal, diferindo apenas no grau de ordenação de cada indivíduo. Este estudo não se contenta em apenas traçar o percurso histórico do positivismo; ele se aprofunda em uma reflexão crítica sobre como essa doutrina tem moldado as estruturas sociais e individuais. Ao examinar a aplicação

do direito positivo e suas consequências, a pesquisa revela uma tensão entre a rigidez da lei e a fluidez da experiência humana. A análise filosófica e material do positivismo desenterra questões sobre a capacidade de um sistema legal de refletir verdadeiramente a complexidade da vida e dos valores humanos.

2 | DO POSITIVISMO E SUAS ORIGENS

Ao analisar os impactos do positivismo nos sistemas de leis ao redor do mundo, percebe-se um padrão em que se sacrifica a essência humana sob o pretexto de defender e garantir princípios básicos do ser humano. É uma situação paradoxal: como pode um sistema que se pretende justo e garantista, ao mesmo tempo, induzir os seres humanos a um estado de cegueira desordenada, vivendo em uma crise constante? Hans-Hermann Hoppe (2015, prefácio), de forma irônica, afirmou:

Uma das coisas que mais ameaça o estado é o humor e a risada. O estado presume que você deve respeitá-lo, que você deve levá-lo muito a sério. Hobbes dizia que era algo muito perigoso o fato de as pessoas rirem do governo. Portanto, tente sempre seguir a seguinte regra: ria, zombe do governo o máximo possível.

Originário da Revolução Francesa, o entendimento das aplicações da sociedade entre os homens é altamente contestável. O estado positivista é, por si só, falho, de modo que as sociedades que o aplicaram fracassaram de forma sistemática e gradual, como discorreu Hoppe (2014).

À medida que os gregos se aventuravam em uma nova área de estudo chamada democracia, algo até então inédito para o homem, surgiram muitos debates sobre a melhor forma de aplicar o direito em sua expressão mais plena. Esses debates ocorriam tanto em momentos de conflito interno, como nas batalhas do Peloponeso, quanto em união contra ameaças externas, como o Império Persa que ameaçava engolir toda a Grécia. (Tucídides, 1987)

Muitos desses homens sacrificaram suas vidas pela liberdade individual, pelo pensamento livre e pela essência de ser verdadeiramente humano. Roma, enquanto república, nunca se deteriorou tanto; a demagogia alimentada pelos burocratas permitiu que uma sociedade, embora inferior em técnicas de estudo e oratória, mas superior militarmente, a dominasse. Essa é uma situação semelhante à do Ocidente em tempos contemporâneos, sendo importante destacar que os maiores intelectuais eram oriundos do império, como o Imperador Marco Aurélio. (Cícero, 2008)

O direito positivo, frequentemente alternando nas sociedades ocidentais entre o modelo Greco-Romano e o Anglo-Saxão, afirma ser garantista, mas, na prática, é extremamente cruel e viola os direitos humanos em nome de um regime.

3 | POSITIVISMO E SUA INSUSTENTABILIDADE FILOSÓFICA

Deixemos no momento de ler autores vivos em suas obras mortas e voltemos aos autores mortos em obras vivas, eternas e imortais, O ponto chave para explicarmos o positivismo inicialmente sua **insustentabilidade filosófica**.

Como bem definiu **o Papa Leão XIII na (Immortale Dei¹, 51, Leão XIII, 1885)**:

[...] Esta maneira de agir, todavia tão racional e tão sábia, é que é desacreditada nestes tempos em que os Estados não somente recusam conformar-se aos princípios da filosofia cristã, mas parecem querer afastar-se dela cada dia mais. Não obstante, sendo próprio da luz irradiar por si mesma ao longe e penetrar aos poucos os espíritos dos homens, movidos como somos pela consciência das altíssimas e santíssimas obrigações da missão apostólica de que estamos investidos para com todos os povos, livremente proclamamos, consoante o Nosso dever, a verdade, não porque não levemos em nenhuma conta os tempos, ou julgamos dever proscrever os honestos e úteis progressos da Nossa idade; mas porque quereríamos ver os negócios públicos seguirem caminhos menos perigosos e repousarem em fundamentos mais sólidos, e isso deixando intacta a liberdade legítima dos povos; essa liberdade de que a verdade é entre os homens a fonte e a melhor salvaguarda: “A verdade vos libertará” (Jo 7, 32). (VATICAN, 2024)

Aplicando não apenas teologia, mas filosofia aristotélica na prática, a igreja católica por meio da filosofia tomista definiu critérios que guiavam as sociedades da Europa medieval

Os gregos, em suas dissertações, extremamente metafísicos, não separavam a alma humana do direito em si, pois sabiam que caso isso acontecesse, acabaríamos em um materialismo que aprisionaria um ser de alma eterna e imortal como bem definiu Platão ao discorrer sobre o mundo das ideias. De acordo com Santos (2020, p.40):

[...] Para os gregos ser significa presença, estabilidade, preexistência, o que tem assistência pro, para a frente, *prokysis*, e também permanência, o que mana através de, *per*. Conclui Heidegger, ao examinar o pensamento dos gregos, que, para estes, existir (existência) significa não ser, porque existir é sair de uma estabilidade surgida de si mesma, a partir de si mesma.

Fato também salientado pelo Imperador Marco Aurélio:

[...] Mesmo não admirando muito as chamadas democracias, Platão conseguiu defini-las muito bem, mas conseguiu apenas por analisar a alma humana e as falhas e predisposições desta, ao afirmar que o ser humano é naturalmente político e corruptível, esclareceu que um sistema jurídico deve ser guiado pelos melhores homens, importante salientar que os melhores homens em sua visão são os mais virtuosos e que mais buscam a perfeição, como Marco Aurélio ao citar Sócrates: “O que tu queres? As Almas de criaturas racionais ou das irracionais? Da Racional? Mas qual? Daquela cuja razão é sólida e perfeita? Ou daquela cuja razão está viciada e corrompida? (AURÉLIO, 2021, p.60)

¹ A encíclica *Immortale Dei* do Papa Leão XIII, Sobre a Constituição Cristã dos Estados (*De Civitatum Constitutione Christiana*), foi publicada em 1º de novembro de 1885, durante a época do *Kulturkampf* na Alemanha e a laicização das escolas na França. É uma reafirmação dos direitos eclesiais em que Leão deplorava o que via como uma tendência moderna de instalar na sociedade a supremacia do homem com exclusão de Deus. Ele acreditava que as teorias do contrato social eram perigosas, pois fomentavam o autoritarismo.

O homem tende naturalmente ao bem e ao belo em sua essência ordenada, e quando somos incitados para um sistema corruptível e que coloca até mesmo nossa liberdade em jogo, estaria este visando a perfeição? Uma criança que é exposta desde cedo a uma completa desordem sonora e moral, tem sua liberdade de escolha cerceada pela ausência da educação, cerceamento este que impede a mesma até mesmo de buscar sua felicidade pessoal, vamos a análise de Comte:

[...] Como vimos, a natureza humana é tríplice (sentimentos, inteligência e ação prática): dessa forma, cada um desses aspectos exige sua satisfação própria ao longo da história e as sociedades procuraram diferentes maneiras de resolvê-las. Mais precisamente, cada instituição humana tem que levar em conta esse tríplice satisfação, o que inclui, obviamente, as relações econômicas (Comte, 1974, p.27).

Tal afirmação é absurda se levarmos em conta o método platônico de se analisar o comportamento humano e a existência de uma alma imortal, alma esta que tem o desejo de transcender, Aristóteles, séculos antes de cristo, tecia críticas fortíssimas quanto aos fins justificarem os meios, na metafísica quando discorria da virtude e de sua importância para a evolução da alma, foi muito claro no que tange as leis ruins e como estas por mais que com um fim bom podem tecer danos nas formas de organização do homem. Não atoa o conhecido Orador Romano Cícero fazia suas críticas a esta forma de organização já em Roma e de sua insustentabilidade, quando os meios justificaram os fins não se chegam nem aos fins pois não se tem virtude para manter ele visto que estas não se desenvolveram nos meios, Possivelmente o maior escritor e filósofo brasileiro de todos os tempos, que com maestria discorria Aristóteles, o Professor Mario Ferreira dos Santos, definiu muito bem os princípios ontológicos dos seres e nosso fim último:

[...] É inútil, pois, tentar substituir o conceito de ser por outro, ou negar-lhe validade, pois não se reduz apenas ao conteúdo lógico. Ontologicamente, o conceito de ser é o mais rico de conteúdo, o mais rico de compreensão, o mais perfeito, porque inclui todos os modos de ser, pois esses são modos de ser e não do nada (SANTOS, 2020, p. 42.)

Ao se aprofundar nos entendimentos e noções ontológicas do ser aplicadas ao nosso ordenamento, vemos os erros de Voltaire, Kant, e Comte quando ao tentarem descrever a política do homem, criaram ciladas que culminam no pensamento moderno egocentrista autodestrutivo que leva a morte de nossa alma, de acordo com Santos (2020, p. 146):

[...] Outro aspecto é julgar que há duas verdades: uma que é a nossa, e outra que é absoluta. Esquece que a verdade lógica, a verdade material, a verdade ontológica, a verdade concreta são distintas, e que separá-las é excesso de abstractismo. Por outro excesso abstractista, Kant separa o fenômeno do número, a percepção separada do pensamento, como se fosse possível perceber sem pensar. As modificações do eu, ele as separa do eu, como se pudessem existir independentemente do eu, chegando à conclusão que da consciência do meu pensamento não posso concluir a minha existência. Separa o atributo da substância, a perfeição e o Ser Perfeito, etc. Kant realiza,

assim, o mais perfeito ficcionalismo abstractista que o racionalismo vicioso poderia construir. Procura, depois, uma síntese na intuição ou na experiência, e alcança apenas a uma síncrise, com todos os defeitos do pensamento sincrético viciado, desde o início, pela diácrise abstractista. A filosofia de Kant termina transformando-se numa grande armadilha, na qual quem não está devidamente preparado não consegue achar uma saída, porque lhe foram fechadas todas as saídas. Essa admirável construção, que não oculta um certo satanismo, terminou por conseguir uma presa inegavelmente notável e famosa, cujo valor é inegável, que foi Kant, prisioneiro da própria armadilha que criou.

Dos mitos quanto aos frutos da revolução francesa gerou a liberdade na alma humana e os frutos desse positivismo que supostamente geraram grandiosas obras da liberdade humana, verificamos efeitos contrários, o grandioso autor Otto Maria Carpeaux (2008, p. 45) afirmou:

[...] Muitos observadores fixarão com a Revolução Francesa o começo da época moderna; mas a Revolução, anunciada e antecipada por escritores notáveis, não produziu, diretamente, literatura alguma, nem sequer na própria França, e foi seguida imediatamente pelo romantismo, literatura medievalista, passadista, a mais “antimoderna” de todas. Não tem sentido insistir na pergunta: quando acaba a “literatura morta” ou quando começa a “literatura viva”? Presente e passado encontram-se tão indissolivelmente ligados – seja em relação unilinear, seja em relação dialética – que a nossa civilização não existe, em nenhum ponto da evolução histórica, sem encerrar todo o seu passado; é mister perguntar quando o passado principia

E mais, conforme o próprio Professor Carpeaux, ao perceber que a revolução estava matando a alma dos homens, posteriormente o próprio August Comte se torna um antirrevolucionário:

[...] A primeira fase da evolução é representada por Augusto Comte. Uma época de liberalismo indiscutido, Comte reconheceu que a Revolução francesa tinha destruído as corporações medievais sem substituí-las pela formação de outros agrupamentos sociais. Mas, “*on ne détruit réellement que ce qu’on remplace*”. Para estudar a possibilidade da organização de novos grupos dentro da sociedade, Comte sugeriu a análise dos agrupamentos sociais existentes; nasceu assim a sociologia. Doutro lado, aquela descoberta implicou a atitude contrarrevolucionária de Comte; foi então que, pela primeira vez no século XIX, um grande intelectual francês se tornou contrarrevolucionário. (Carpeaux, 2008, p. 279)

Tais teses revolucionárias são na verdade antíteses da verdade material filosófica. Isso pode levar a consequências não intencionais, onde as soluções propostas pelas revoluções não apenas falham em resolver os problemas existentes, mas também criam novos problemas, às vezes até mais graves do que aqueles que pretendiam solucionar.

4 | POSITIVISMO E A INSUSTENTABILIDADE MATERIAL

Após ter feito uma primeira parte que deu base, uma segunda que explorou bem as regras, sugiro agora a elaboração de uma última parte que trate com profundidade do problema estudado.

Diversas foram as manifestações da insustentabilidade material do positivismo moderno, desde o império romano, e enquanto império, assegurava unidade e poder, com os tentáculos republicanos e a burocracia exacerbada, se enfraqueceu e se fragmentou. Uma das características da corruptibilidade do positivismo é que, apesar de acusar uma monarquia de ser absolutista, este realmente o é como muito bem definiu Hoppe (2001, p.276), o Deus que falhou:

[...] Ao comentar esse argumento, não é de grande ajuda discutir se o homem é tão mal e tão parecido com um lobo como Hobbes supõe, mas sim notar que a tese de Hobbes obviamente não pode significar que o homem é movido por – e apenas por – instintos agressivos. Se este fosse o caso, a humanidade teria desaparecido há muito tempo. O fato de ela não ter desaparecido demonstra que o homem também possui a razão e que ele é capaz de refrear os seus impulsos naturais. O debate deve se fixar apenas na solução hobbesiana. Dada a natureza do homem como animal racional, a solução proposta ao problema da insegurança é um avanço? A instituição do estado pode reduzir o comportamento agressivo e promover a cooperação pacífica, oferecendo, assim, melhores segurança e proteção privadas? Os problemas do argumento de Hobbes são óbvios. Primeiro: não importando quão maus sejam os homens, E – um rei, um ditador ou um presidente eleito – continua sendo um homem. A natureza do homem não é transformada ao tornar-se E. De qualquer modo, como pode haver melhor proteção para A e B se E tem de cobrar impostos deles para oferecê-la? Não haveria uma contradição na própria visão de E como um protetor que expropria propriedades? Na verdade, isso não seria exatamente aquilo a que se refere – e mais apropriadamente – como uma máfia da proteção? E, certamente, promoverá a paz entre A e B, mas apenas para que ele possa, em seguida, roubá-los mais lucrativamente. E encontra-se, sem dúvida, mais bem protegido; porém, quanto mais protegido ele está, menos protegidos estão A e B dos ataques de E. Pareceria, assim, que a segurança coletiva não é melhor do que a segurança privada. Na realidade, ela é a segurança privada do estado, E, obtida por meio da expropriação – i.e., do desarmamento econômico – dos seus súditos. Ademais, os estatistas – de Thomas Hobbes a James M. Buchanan – sustentam que um estado protetor E surgiria como o resultado de algum tipo de contrato “constitucional”. 2 Entretanto, quem em seu juízo perfeito assinaria um contrato que permitisse a um protetor determinar unilateralmente – e inapelavelmente – a quantia que os protegidos têm de pagar pela sua proteção? E o fato é que ninguém jamais o assinou!

Relevando o exemplo a Alemanha Nazista, onde o genocídio judeu teve aprovação dos líderes políticos e juristas da época, quando alguém com demasiado poder em um estado república enlouquece, teoricamente caberia ao contra-peso constitucional inibir tal ato, porém, como já anteriormente discorrido da corruptibilidade da alma humana, caso este possua algum interesse, permanece omissa na esperança de obter alguma vantagem,

comprometendo totalmente o sistema. No Tribunal de Nuremberg o argumento de que só estavam sendo obedecidas ordens não foi muito bem aceito pelos promotores aliados, e com razão, não se devem seguir ordens ilegais, ou até mesmo legais que contrariam a natureza e o fim do homem, fim este que é a perfeição, que protege e valoriza a vida, não atoa foram condenados por crimes contra a humanidade.

Um exemplo recente no Brasil é o caso do Supremo Tribunal Federal brasileiro que cometeu inúmeras ilegalidades por meio de atos inconstitucionais, principalmente decorrentes do Inquérito 4781, ao ponto de afirmar que o regime interno do tribunal se sobressai perante a constituição federal, e até mesmo prender pessoas sem foro privilegiado de ofício, atuando como promotores e juízes.

Caberia ao Senado Federal Brasileiro, por meio do sistema de contra-peso, inibir essas ilegalidades, retirando os responsáveis dos cargos e os punindo, porém, por interesses pessoais que colocam acima da funcionalidade do sistema, não o fazem. Cometem crime de prevaricação. Porém quem os julgaria? É um exemplo do fracasso do sistema positivista. Percebe-se também que, dentre tais ilegalidades, geralmente nunca são cometidas visando defender o bem maior, e sim algo que é naturalmente errôneo.

Especialmente no Brasil, apesar de falar que vivemos em um sistema jurídico greco-romano, as jurisprudências tem se sobressaído sobre a própria lei, uma tirania positivista e ao invés de desobedecer a tais ordens visivelmente ilegais e contrárias a ordem natural, temos um efeito estranho, órgãos abaixo destes agem como passivos, com *modus operandi* similar ao da Gestapo que atuou na Alemanha nazista.

Sócrates — Quando um Estado democrático, sedento de liberdade, passa a ser dominado por maus chefes, que fazem com que ele se embriague com esse vinho puro para além de toda a decência, então, se os seus magistrados não se mostram inteiramente dóceis e não lhe concedem um alto grau de liberdade, ele castiga-os acusando-os de serem criminosos e oligarcas. Sócrates: (Platão, 1992)

Sócrates foi acusado de corromper a juventude por meio de supostas notícias falsas milênios atrás, estes sistemas não são nada recentes e vem causando danos para a humanidade a muito tempo, uma tirania velada.

Na idade média, uma forma organizacional regional eram as conhecidas Guildas (Corporações de ofício) que de fato funcionavam quando se propunham a solucionar problemas internos, e que, estranhamente ao surgir um estado positivista como foi o caso da França após a revolução francesa, estas mesmas corporações deram lugares aos sindicatos, sindicatos estes cujas lideranças são agentes políticos externos e que sequer atuam no ofício que o sindicato prega proteger, tal fenômeno não se trata de proteção e sim de poder.

Os que delinearam a revolução francesa não tinha os melhores olhos para o mundo, fato. O positivismo, na prática, é uma ditadura velada do antinaturalíssimo, Marx escrevia o capital vivendo na burguesia e no luxo enquanto era sustentado, o comunismo e o

positivismo não são antagônicos, ao contrário, ambos andam de mãos dadas para impor uma ditadura velada.

O marxismo aceitou e construiu uma dialética, que julgou ser hegeliana, como o afirmaram Marx e Engels. Essa dialética, pouco usada pelos próprios marxistas, o foi, no entanto, suficiente para estabelecer interpretações viciosas, cujos frutos estão aí. A primeira e fundamental contradição opositiva do marxismo está na sua própria dialética, que o nega. (SANTOS, 1962)

No mesmo livro, Santos (1962, p. 158), trata do que vemos o que se torna a democracia com tais aplicações:

[...] A palavra democracia terminou por ter o destino de todas as palavras: perdeu seu legítimo sentido original. A democracia representativa é uma organização, não do povo, mas dos representantes do povo, escolhidos pelo sistema mais falso e mais prejudicialmente seletivo. Tornou-se, de verdadeira representação popular, em regime de caçadores de cargos eletivos, com toda a degenerescência consequente dos que transformam os meios em fins.

O projeto histórico defendido por Comte é o de conservação e desenvolvimento do capitalismo, enquanto que o projeto defendido por Marx baseia-se na superação do capitalismo e construção de uma nova sociedade, o comunismo; porém é importante lembrar que a suposta superação do capitalismo envolve o fim de características inseparáveis da alma humana e desse seu desejo de liberdade.

Ainda segundo Santos (1962, p.158)

[...] Nunca devemos esquecer essa grande verdade: o homem é um fim e não um meio. Utilizá-lo, transformá-lo em peça de um mecanismo, é ofender a sua dignidade. A humanização do trabalho da biotecnia contribui para essa dignificação sem prejudicar produtividade, que é até aumentada. As experiências modernas da musicoterapia, por exemplo, nos mostram como a música pode curar tantos males, e colaborar para uma melhoria tônica do homem.

Dessa forma, se evidencia que Marx banaliza a alma humana, Segundo Marx (1996, p.18): “Desde que os homens trabalham uns para os outros, independentemente da forma como o fazem, o seu trabalho adquire também uma forma social”, pior ainda, a morte da alma humana

De acordo com Comte (1974, p.66)

[...] Enquanto as inteligências individuais não aderirem, graças a um assentimento unânime, a certo número de ideias gerais capazes de formar uma doutrina social comum, não se pode dissimular que o estado das nações permanecerá de modo necessário, essencialmente revolucionário, a despeito de todos os paliativos políticos possíveis de serem adotados - comportando realmente apenas instituições provisórias

Um assassinato a individualidade do ser, de sua independência e sua liberdade de pensamento, nunca se mataram tantos cientistas quanto na revolução francesa, tais como

Antoine Lavoisier, que foi decapitado e, segundo o testemunho de um abade, o tribunal sentenciou:

Em meio a revolução russa de 1917, onde em nome de uma suposta liberdade do proletariado, dezenas de milhões de vidas foram ceifadas, confisco dos grãos na ucrânia em nome da democracia ocasionou uma fome sem precedentes na ucrânia, genocídio conhecido como Holodomor. (Britannica, 2024).

Na idade média um aspecto interessante de crítica ao positivismo era de Barrabás, algoz de Cristo, que mesmo sabendo de sua inocência, afirmou que era melhor um homem perecer do que uma nação perecer, e que em nome da liberdade os fins justificariam os meios e a lei pela lei superaria direitos naturais como o da vida. (Britannica, 2024).

Na Alemanha nazista o positivismo era aplicado de uma forma baseada na superioridade de um povo e supressão de direitos individuais, a supressão de direitos SEMPRE é acompanhada de uma suposta defesa da liberdade considerando o Tribunal de Nuremberg, Joseph Goebbels, ministro da propaganda do Reich conseguia manipular as massas em uma defesa de uma suposta liberdade de uma forma que, explorando suas falhas e medos de perder a liberdade frente a um inimigo, apoiariam as maiores atrocidades já vistos na história humana. (History.com, 2018)

Esse Modus Operandi é característico de tiranias que se travestem de democracias que defendem a liberdade. No Brasil, tal ataque a liberdades individuais tem se amplificado em nome da defesa democracia com o mesmo jargão, o da defesa da democracia, o Tribunal Superior Eleitoral instaurou um órgão para investigação chamado CIEDDE, “Centro Integrado de Enfrentamento à Desinformação e Defesa da Democracia” com o intuito de combater notícias falsas.

Tem semelhanças até mesmo simétricas com o livro 1984 de George Orwell, onde o ministério da verdade apurava qual afirmação era verdadeira e qual não era, tendo até mesmo um departamento para alterar o passado, formas de controlar a massa humana quase que como bovinos, voltados unicamente para servir uma casta superior. (TSE, 2024)



Figura 1: CIEDDE

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (2024)



Figura 2: do Pensamento referida no livro 1984 de George Orwell.

Fonte: George Orwell (1984)

A comparação entre a ficção distópica de Orwell e a realidade institucional do CIEDDE evoca reflexões profundas sobre a natureza da verdade e o papel das instituições na sua salvaguarda. Enquanto a Figura 1 representa um órgão contemporâneo destinado a combater a desinformação, a Figura 2 ilustra uma entidade literária que distorce a verdade para fins de controle social. Ambas as imagens, embora originadas de contextos distintos, desafiam o observador a ponderar sobre a linha tênue entre a proteção da integridade informativa e a potencial supressão da liberdade de expressão. A vigilância constante e o questionamento crítico são essenciais para garantir que o objetivo de preservar a democracia não se desvie para o autoritarismo, mantendo assim o equilíbrio delicado entre segurança e liberdade individual.

George Orwell já tinha a noção de como funcionavam regimes totalitários que se travestiam de democracias, método o este também denunciado no livro *Subversão: Teoria, Aplicação, E Confissão De Um Método*, escrito por Yuri Alexandrovich Bezmenov, ex-KGB (Bezmenov, 2021).

Tais métodos envolvem exemplificativamente, mas cristalinamente convencer uma pessoa de que $2 + 2$ é igual a 5, ou que embora ela esteja vendo azul e este de fato o seja, a capacidade de convence-la de que o que ela enxerga é verde, sendo interessante observar um pôster de 1931 para o primeiro plano quinquenal da União Soviética, onde está escrito: “A aritmética de um contraplano industrial-financeiro: $2 + 2$ mais o entusiasmo dos trabalhadores = 5”²:

2 A ideia de que “ $2 + 2 = 5$ ” simboliza essa manipulação, como ilustrado no pôster soviético de 1931, que promovia o entusiasmo dos trabalhadores como um aditivo à produção industrial (MEYERS, 2023). Tradução livre de Meyers (2023): A brilliant Soviet poster of 1931, reproduced on the cover of Karp’s book, states “ $2+2=5$.” Its positive meaning, advocating superior industrial manpower, is that “ $2+2+\text{workers’ enthusiasm}=5$.” In Nineteen Eighty-Four Orwell uses this slogan negatively, when Winston Smith is forced to believe what he knows to be arithmetically false but what the state decrees: “ $2+2=5$.”



Figura 3: Pôster Soviético

Fonte: Top War (2024)

A figura do pôster soviético, Figura 3, é emblemática dessa distorção da verdade. Ela representa não apenas a propaganda de uma era, mas também a tentativa de redefinir a realidade, suprimindo a individualidade e a liberdade de pensamento. Esse fenômeno não é exclusivo de um período ou regime; é uma característica recorrente de sistemas autoritários que buscam consolidar o poder ao custo da dignidade humana.

Ou seja, trata-se de uma profunda lavagem cerebral a ponto de matar a alma humana e fazê-la se tornar quase que instintiva e animal, sem a liberdade do pensamento próprio coibindo desde as raízes qualquer livre vontade, sendo esta a essência positivista, na revolução francesa, cerca de 10 mil mortes que ocorreram sem julgamentos ou em prisões, até mesmo Augustin Robespierre, anterior aliado, passou a ser visto como um inimigo e guilhotinado pelo sistema.

5 | A SOLUÇÃO PARA O POSITIVISMO E UMA SOCIEDADE MELHOR

Levando em consideração Aristóteles no que tange a uma sociedade perfeita, corrigido por S. Tomás de Aquino quanto a uma imperfeita, é possível se afirmar que um ser imperfeito não poderia compor uma sociedade perfeita, mais ainda, na medida que buscamos a perfeição, mais perfeita uma sociedade é, e quanto mais buscamos os vícios, mais corrompida a sociedade fica. (Aristóteles, 1985).

A única forma de se combater tais vícios positivistas seria de forma individual frente a uma avalanche de vícios que a Escola de Frankfurt nos joga mesmo sem percebermos, seria lutar contra si mesmo, combatendo os vícios e enquanto indivíduos pensadores iríamos colaborar no meio coletivo social para uma sociedade mais próspera e frutífera, com melhor aplicação das leis por meio de atos corajosos. (Adorno; Horkheimer, 1985).

Citando como um grande homem que resistiu a isto, temos Sir Thomas More , que se recusou a obedecer a uma ordem manifestamente ilegal até mesmo do chefe supremo de seu País, o Rei Henrique VIII, que querendo se divorciar estava disposto a mudar o ordenamento jurídico que não tinha alçada para altera, violando manifestamente o código de direito canônico e posteriormente a própria Carta Magna, Tendo Thomas More se recusado a apoiar, foi condenado a morte por não se render aos caprichos de sistemas corruptíveis, hoje canonizado. (Ackroyd, 1998).

Quando Homero, em uma Grécia onde ideias grandiosas sobre a imortalidade da alma humana estavam cada vez mais apaixonadas, discorreu sobre Icaro, um herói épico, que preso na ilha do Minotauro, fez asas com penas e cera e voou tão alto, mas tão alto que o sol derreteu a cera que mantinha unidas as penas, caiu no mar e teve seu fim, Sendo tal mito uma alegoria para definir nossa alma que almeja transcender, almeja a imortalidade e o intangível mesmo que vá além da nossa própria capacidade, a questão é direcionar tal ideia de eternidade, de como almejar transcender e buscar tal perfeição. (Homero, 2003).

Percebe-se, muitos pensavam que Homero era um aventureiro adolescente apaixonado cujo desejo era apenas devagar e conhecer novos mundos, se enganam. Mesmo enfrentando monstros épicos, criaturas que os homens sequer poderiam imaginar de tão fantasiosas e convivendo com deuses, tinha apenas um desejo: Voltar para seu lar, pois, as menores coisas são as mais grandiosas em sua simplicidade, Não existe aventura e laço mais forte que a família na realidade humana, sendo o amor mais forte que a própria morte, os sistemas políticos não podem ser contrários a natureza humana, ao contrário da corruptibilidade do positivismo, podemos citar por exemplo a Monarquia, que é uma extensão da família ao grau máximo em uma nação.

Na Segunda Guerra Mundial, diante de uma derrota frente aos alemães, mais de trezentos mil soldados britânicos foram cercados nas praias de Dunquerque, em apuros, um chamado foi feito: todos os ingleses que possuíssem qualquer tipo de embarcação, e que quisessem ajudar seus conterrâneos, deviam atravessar o canal da mancha, percorrer os 80 km que separam a França da Inglaterra, para literalmente salvar quantas vidas fosse possível e os trazer de volta para casa. Churchill, 1949.

Foi lançada a Operação Dínamo, enquanto a Força Aérea Real em conjunto com a resistência francesa atrasava os alemães, mais de 800 barcos civis partiram em socorro dos soldados e os levaram de volta para casa:



Figura 4: Mapa da Operação

Fonte: Britannica (2024)

A Operação Dinamo representa um dos momentos mais dramáticos e inspiradores da Segunda Guerra Mundial, onde a solidariedade e o espírito de sacrifício se manifestaram de forma extraordinária. A Figura 4 ilustra não apenas um mapa estratégico, mas também um símbolo da resiliência humana diante do caos da guerra.

Mesmo diante de artilharia alemã, um sentimento de família surgiu no coração dos súditos do Rei Jorge VI que arriscaram suas vidas para salvar seus irmãos, veja-se que é um sentimento totalmente alheio ao que se passava no positivista estado soviético com o grande confisco da década de 30 onde milhões morreram de fome visto o Holodomor.

De acordo com Toth (1939, p.15):

[...] Segundo o termo clássico de Santo Agostinho, "homines sunt voluntates" - isto é, o valor do homem é determinado pela sua vontade. Cada vez melhor se reconhece que a escola moderna, hoje, se ocupa quase que exclusivamente da inteligência dos jovens. em detrimento do seu caráter e da sua vontade, que ela descarta desenvolver. Daí, o fato tão triste de se acharem entre os adultos muito mais cérebros cultivados do que ombros de aço, muito mais saber do que caráter. Não obstante, a base e o sus tentáculo moral do Estado é a pureza moral e não a ciência - o homem e não a fortuna - o caráter e não a covardia.

Tal sentimento de pertencer a uma família é inerente na vida humana para entendermos nosso valor e realmente termos liberdade, mas não é tudo, o tempo também é importantíssimo, o segredo dos grandes homens é o bom emprego do tempo. A hora é feita de minutos, e aquele que sabe utilizar todos os minutos, acaba por ganhar horas e dias inteiros: Tempus omnia fert, sed et aufert omnia tempus. - "O tempo traz tudo, mas leva tudo também".

Nas nações com influencia positivista, vemos um desperdício do tempo, quase que como um ataque da escola de Frankfurt em nossas vidas.

O professor Mons Tithamer Toth deu ótimos exemplos do *Ora Et Labora*, provérbio latino dizer que não basta esperar as coisas caírem do céu, “O devaneio indolente corrompe a vida”, diz o poeta húngaro Vorosmarthy, Benjamin Franklin, o grande filho dos Estados Unidos, o inventor do para-raios, trabalhava com admirável esforço, em purificar sua alma dos menores defeitos. Sabia que poder têm sobre nós as coisas mais insignificantes, e compôs para seu uso pessoal um quadro estatístico, para facilitar o exame quotidiano dos seus atos, agrupou todas as virtudes em treze principais, e sobre elas nunca deixava de se examinar, antes de dormir: sobriedade, discrição, ordem, decisão, economia, aplicação, franqueza, justiça, moderação, pureza, paz do coração, castidade, humildade. E, todas as noites, alegrava-se de suas vitórias ou chorava suas omissões. Histórias de marinheiros contam que Francisco Pizarro, o conquistador do Pcrú, achou-se um momento, no decurso da sua viagem de exploração, em situação particularmente penosa: a tripulação do navio estava revoltada contra ele e exigia a volta. Mas Pizarro tomou a palavra e disse: “Ao Norte desta linha, vida fácil e isenta de perigos nos aguarda, mas seria para nós o malogro e a miséria, Ao sul, pelo contrário, teremos que fazer esforços in auditos, travar uma luta difícil, suportar privações, mas será o êxito, a nobreza, a riqueza e a glória! Escolhei, pois, vós mesmos!” (History, 2023).

José Ortega Y Gasset ao falar sobre a personalidade do homem de acordo com as circunstancias, falava também da possibilidade da independência da alma humana frente as circunstâncias quando desenvolvidas as virtudes, isto num ambiente jurídico do estado moderno cujo tema já havia sido definido por Aristóteles, fato é que tais ataques a integralidade da alma humana por meio de noções positivistas são datadas desde os sofistas que planejaram a morte de Sócrates. (Magalhães; Silva; Caldeira, 2018)

Uma luta aguda e intensa pela alma, essa é a nossa luta diária contra um sistema antinatural formado por seres imperfeitos visando inibir nossa alma, chega-se à conclusão que a luta contra tal sistema é diária, continua e árdua, *Vicist? Vincit*, lema dos cavaleiros poloneses do século XIV, não basta vencer, mas trabalhar arduamente para continuar vencendo, uma constância que deve ser lapidada diariamente em nosso intelecto, não se contentar com a mediocridade e sempre buscar melhorar para que a sociedade possa ter um fim natural último realmente digno, onde a vida humana, a liberdade e o direito do livre pensamento possam valer mais que uma lei que diga o contrário:



Figura 5: O jovem de Caráter

Fonte: Toth (1939)

A Figura 5, é um chamado à formação de um caráter forte e cristão. Este livro é um convite à reflexão e ao desenvolvimento pessoal, incentivando o leitor a lutar contra as inclinações egoístas e a buscar a virtude. A luta pela alma e pelo caráter é uma jornada contínua, onde cada vitória é apenas um passo para a próxima batalha. O lema “Vicit? Vincit” reflete essa perseverança, enfatizando que não é suficiente vencer uma vez; deve-se trabalhar incansavelmente para manter o sucesso e a integridade. (Toth, 1939)

Este conceito é atemporal e ressoa com a ideia de Santo Agostinho de que o valor do homem é determinado pela sua vontade, uma vontade que deve ser direcionada para o bem e para a melhoria contínua de si mesmo e da sociedade

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo sobre o “Positivismo: Sua Insustentabilidade Filosófica e Material” ressaltou a complexidade e as contradições inerentes ao positivismo enquanto doutrina filosófica e prática social. Ao longo do estudo, exploramos como o positivismo, apesar de sua busca pela ordem e pelo progresso através da ciência e da razão, muitas vezes falha em reconhecer a profundidade da experiência humana e os valores que transcendem a mera facticidade.

A análise histórica e filosófica revelou que sistemas baseados estritamente no positivismo tendem a suprimir aspectos essenciais da condição humana, como a liberdade de pensamento, a individualidade e a moralidade. A discussão sobre figuras históricas e mitológicas, como Thomas More e Ícaro, ilustrou a importância da integridade e da aspiração humana, respectivamente, que o positivismo muitas vezes negligencia ou subestima.

A reflexão sobre a Escola de Frankfurt e a Operação Dínamo durante a Segunda Guerra Mundial destacou a resistência contra a homogeneização e a desumanização que podem surgir sob regimes positivistas. A luta pela alma e pelo caráter, como enfatizado por Dom Tihamer Toth, é uma jornada contínua que desafia a tendência do positivismo de reduzir a existência humana a meras variáveis controláveis.

Assim, o trabalho argumentou que uma sociedade verdadeiramente próspera e justa requer uma abordagem mais holística e integrada, que valorize tanto a razão quanto a moral, a ciência e a espiritualidade, a lei e a consciência. O positivismo, com sua ênfase unilateral na ciência e na objetividade, deve ser equilibrado com uma compreensão mais rica da vida humana e suas múltiplas dimensões para evitar a insustentabilidade filosófica e material que o caracteriza. A busca por uma sociedade melhor é, portanto, uma busca por um equilíbrio entre o material e o espiritual, o individual e o coletivo, o progresso e a tradição.

Olhando para o futuro, este trabalho buscou não apenas entender o passado e o presente, mas também iluminar caminhos para reformas sociais e legais. A intenção é inspirar uma visão onde o direito e a moralidade não sejam vistos como entidades separadas, mas como partes de um todo coeso que respeita a dignidade e a liberdade humana.

À medida que este estudo sobre o positivismo se conclui, abre-se um leque de possibilidades para pesquisas futuras. A investigação pode se expandir para analisar a aplicação do positivismo em diferentes contextos culturais e legais, observando como ele se adapta ou falha diante de diversas realidades sociais. Estudos comparativos entre o positivismo e outras correntes filosóficas podem oferecer insights valiosos sobre como construir sistemas jurídicos e sociais mais resilientes e humanizados. Além disso, pesquisas empíricas que avaliem o impacto do positivismo nas decisões judiciais e na vida cotidiana das pessoas podem ajudar a mapear o caminho para reformas significativas.

Academicamente, este artigo representa um marco significativo na trajetória do pesquisador. Ele não apenas enriquece o debate sobre o positivismo, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades críticas e analíticas. A abordagem interdisciplinar adotada neste trabalho, que entrelaça filosofia, história e direito, serve como um modelo para futuras investigações acadêmicas. A experiência de mergulhar em textos clássicos e contemporâneos, de sintetizar ideias complexas e de articular argumentos coerentes, é inestimável para o crescimento intelectual e profissional do pesquisador.

REFERÊNCIAS

ACKROYD, Peter. **A Vida de Thomas More**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. 13º século. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

ARISTÓTELES. **Política**. 4º século a.C. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

AURÉLIO, Marco. **Meditações**: o diário do imperador estoico. Citadel, 2021.

BEZMENOV, Yuri Aleksandrovich. **Subversão**: Teoria, Aplicação, E Confissão De Um Método. 1ª edição. São Paulo: Audax, 2021.

BRITANNICA. **Barabbas**. Encyclopaedia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Barabbas>.

BRITANNICA. **Holodomor**. Encyclopaedia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Holodomor>.

BRITANNICA. **Timeline of the Dunkirk Evacuation**. Encyclopaedia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Dunkirk-evacuation>.

BRITANNICA. **Cronologia da Evacuação de Dunquerque**. Encyclopaedia Britannica, 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/story/timeline-of-the-dunkirk-evacuation>

CHURCHILL, Winston S. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

HISTORY.COM. **Francisco Pizarro**. History.com, 2023. Disponível em: <https://www.history.com/topics/exploration/francisco-pizarro>.

HISTORY.COM. **Nuremberg Trials**. History.com, 2018. Disponível em: <https://www.history.com/topics/world-war-ii/nuremberg-trials>.

HOMERO. **Odisseia**. 8º século a.C. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

HOPPE, Hans-Hermann. **Democracia – O Deus que Falhou**: A Economia e a Política da Monarquia, da Democracia e da Ordem Natural. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2001.

MAGALHÃES, Carlos Kildare; SILVA, Fernando Antônio da; CALDEIRA, Guilherme. A circunstância em José Ortega y Gasset: aproximações ao inconsciente junguiano. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 58-66, jan.-abr. 2018. DOI: 10.1590/0103-656420170080.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

MEYERS, Jeffrey. **Orwell and Rússia**. 2023. The Article. Disponível em: <https://www.thearticle.com/orwell-and-russia>.

PLATÃO. **A República**. Traduzido por Grube, G.M.A. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1992.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Filosofia Concreta**. 1ª edição - Edição Crítica. São Paulo: Editora Filocalia, 17 de novembro de 2020.


SANTOS, Mario Ferreira. **O Problema Social**. São Paulo: Editora Logos, 1962.

TOP WAR. **Pôster Soviético**. 2024. Disponível em: <https://pt.topwar.ru/>

TOTH, Tihamer. **O Moço de Caráter**. Taubaté: Editora S. C. J., 1939. p. 15.

TSE. “**Centro Integrado de Enfrentamento à Desinformação e Defesa da Democracia** (CIEDDE).” Tribunal Superior Eleitoral, 2024. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2024/Marco/presidente-do-tse-inaugura-centro-integrado-de-enfrentamento-a-desinformacao-e-defesa-da-democracia-nesta-terca-12>.

VATICAN. Leão XIII. **Immortale Dei: sobre a Constituição Cristã dos Estados**. 1º de novembro de 1885. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_01111885_immortale-dei.html. Acesso em 20 abr. 2024.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) NO ACERVO ONLINE DA BIBLIOTECA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIGRAN CAPITAL E DE COMPROMISSO E RESPONSABILIDADE DO AUTOR(ES) PROFESSOR(a) ORIENTADOR(a) E COORIENTADOR(a)

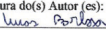
DADOS DOS DOCUMENTOS:

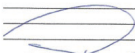
<input type="checkbox"/> Graduação - Licenciatura <input checked="" type="checkbox"/> Graduação - Bacharelado <input type="checkbox"/> Pós-Graduação	
Curso:	DIREITO
Palavras-chave:	POSITIVISMO, INSUSTENTABILIDADE MATERIAL
Título do trabalho:	POSITIVISMO: SUA INSUSTENTABILIDADE FILOSÓFICA E MATERIAL
Autor/a(s)/as (nomes):	LUCAS DE OLIVEIRA LIMA BARBOSA
RGM(s):	182.362
E-mail(s):	LUCAS.DEOLIVEIRA.LIMA.BARBOSA@HOTMAIL.COM
Orientador (a):	João Carlos Lima de Oliveira
Coorientador (a):	
Número de páginas:	20
Data de defesa:	07/06/2024
Data de entrega do arquivo à coordenação do curso/TCC:	30/06/2024
Informações de acesso ao documento pela Biblioteca da Unigran Capital:	<input checked="" type="checkbox"/> Total
Por quanto tempo? <input type="checkbox"/> Anos <input checked="" type="checkbox"/> Sempre	

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, de acordo com a lei nº 9.610/98, autorizo o Centro Universitário Unigran Capital a disponibilizar, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissão assinada do documento, em meio eletrônico, na rede Mundial de Computadores, no formato especificado, para fins de leitura, impressão e/ou pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada pelo Centro Universitário, a partir desta data. Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do documento desprotegido.

Além disso, firmamos o compromisso e responsabilidade enquanto Autor(a/s), Orientador(a) e Coorientador(a) de ter revisado o trabalho de conclusão de curso (TCC) atendendo rigorosamente as normas cultas da língua portuguesa correspondente ao novo acordo ortográfico, literatura científica e a formatação seguindo as normas vigentes, conforme orientação dos regulamentos dos cursos e da IES.

Por ser verdade, firmamos o presente termo.


Assinatura do(s) Autor (es):


Assinatura do Orientador (a):



Assinatura e carimbo do coo

Rua: Abrão João Rahe, 325. Centro
67-3389.3389 unigrancapital.com.br
CEP 79.010-010. Campo Grande/MS

Documento assinado digitalmente
JOÃO CARLOS LIMA DE OLIVEIRA
Data: 27/06/2024 12:47:25 -0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>



Prof. Ms. João Paulo Cayres
Coordenador Curso de Direito
CENTRO UNIVERSITÁRIO
UNIGRAN CAPITAL



Desafios jurídicos contemporâneos em direito, justiça e sociedade

Capítulo 3

39